

## VIDA

### Cap 1 Vida e as suas Forças

#### §1.0 Introdução

Os seres vivos são complexos sistemas construídos com seres “sem vida” mas são dotados de propriedades que exorbitam as dos “sem vida”.

Para construir modelos dos comportamentos dos seres “com vida” será necessário recorrer não apenas às forças concebidas pela física “latus sensus”, como a gravidade, electromagnetismo, forças nucleares etc. mas acrescentar outras que são próprias dum ser “com vida”.

Algumas destas forças de seres “com vida” são semelhantes a outras dos seres “sem vida” e quando tal sucede justifica-se conferir-lhes igual denominação porém convém atribuir-lhes um símbolo distinto.

Assim, uma força,  $F$ , dum ente,  $E$ , “com vida” serão simbolizados respectivamente por  $\psi F$  e  $\psi E$ . ou por  $F_\psi$  e  $E_\psi$ , o símbolo,  $\psi$ , poderá anteceder ou suceder ao símbolo da entidade ou grandeza.

A definição de “vida” e o modo de reconhecer que uma entidade tem ou não “vida” está fora da lista de objectivos deste texto mas trata-se de uma operação essencial que implica a intervenção de um observador especializado para reconhecer a «vida» e a distinguir os portadores de «vida».

O vocábulo «ser» pode também ser substituído por «ente» ou «entidade» e a escolha vai depender do que se procura informar ou explicitar. Na essência são o mesmo.

Recorda-se que um ente  $E_\psi$  além de todas as propriedades específicas dos <seres vivos> possuem as dos entes não dotados de «vida».

#### §1.1 Forças de Entes Vivos

Não será possível apresentar todas as  $\psi$ forças vitais mas apenas aquelas que até hoje foram reconhecidas e identificadas porque à medida que a investigação for prosseguindo novas  $\psi$ forças vão ser descobertas tal como sucedeu na física tanto na macro como na micro dimensão.

A lista apresentada é apenas um esboço primordial e exemplificativo de forças e esforços típicos:

- (a)  $\psi$ forças ou  $\psi$ esforços que um  $\psi$ ente desenvolve para a *sobrevivência* de: si próprio, de um outro ou da sua espécie ou agregado.
- (b)  $\psi$ forças de agregação que permitem a formação de agregados, tribos, nações e impérios mas também grupos de caçadores, e exércitos, agregados religiosos e políticos, etc. etc. .
- (c)  $\psi$ forças de desagregação cuja função é a antítese das forças do tipo (b) .

Os actos e acções resultam da aplicação de uma sucessão de múltiplos tipos de forças que colectivamente vão ser designados por « certâmen » .

Os objectivos dos «certâmenes» vão vários e vão de lúdicos a guerreiros.

Um «certâmen» envolve em principio pelo menos um par de participantes mas por exemplo um ginasta, o tiro ao alvo, a luta interior de tomar uma decisão ou efectuar uma escolha pode entender-se como uma luta ou contra a natureza ou contra si próprio .



### §1.2 Modelos

Um modelo, tipo- $\psi$ , descreve o comportamento de uma ente “com vida”,  $E_\psi$ , procedendo ás operações essenciais seguintes :

- . identificação da ente,  $E_\psi$ ,
- . listagem dos vínculos de  $E_\psi$  com o meio exterior,  $M$ , onde  $E_\psi$  está inserido .
- . o meio,  $M$ , é na realidade todo o Universo e como não é possível descrever o

Universo, a solução consiste em escolher uma pequeníssima parte desse Universo ,  $M_\psi$ , a qual é declarada suficiente para explicar o comportamento de,  $E_\psi$ .

Esta simplificação que as limitações do <homem observador> implicam é um dos motivos para a imperfeição dos modelos construídos .

O facto do <resto do Universo> não ter sido tomado em conta na feitura do modelo,  $M_\psi$ , nem por isso deixa esse <resto do Universo> de ser actuante e de evoluir.

Quando se torna experimentalmente evidente que o modelo,  $M_\psi$ , não tem a generalidade e a universalidade de aplicação esperada é usual acontecerem as seguintes reacções :

- 1) o modelo  $M_\psi$  continua a ser usado mas no limitado domínio em que é aplicável.
- 2) procurar uma solução para ampliar domínio de aplicação do modelo.
- 3) repensar o problema e dificuldades construir um novo modelo,  $^aM_\psi$ , que melhor descreva a realidade.

Esta busca e criação novos modelos para conseguir descrever uma boa e fiel imagem do Universo e simultaneamente encontrar um modelo capaz de explicar o passado , o presente e o futuro é um processo milenário e é uma servidão dos humanos e dos seres vivos em geral, para sobreviverem num Universo em constante e surpreendente transformação.

### §1.3 Os seres vivos e os humanos.

Os humanos como predadores máximos entre os seres vivos procuram mostrar que os restantes seres vivos não possuem certos atributos que são próprios da sua espécie e que por isso não são tributários dos restantes entes dotados de vida e daí a prerrogativa do direito de vida ou de morte de seres vivos de qualquer espécie e até da espécie humana.

Mas os seres vivos humanos ou não também evoluem ao sabor do resto do Universo e poderão um dia deixar de ser predadores máximos ou até a espécie será extinta por os humanos não terem sabido adaptar-se as novas condições do Universo .

## Cap 2 Agregados, Clausura e Liberdade Condicionada

### §2.1 Introdução

Para formar um agregado há que limitar a liberdade dos membros constituintes.

Cada membro deverá balancear as eventuais vantagens de ser membro e a consequente redução da sua liberdade.

Pode acontecer que no estado actual de evolução dos seres vivos não haja regiões ou nichos que não pertençam ao domínio de um qualquer agregado o que reconduz a escolha a uma variedade limitada de agregados .

É de esperar que um ente escolha o agregado cujo ambiente lhe for mais suportável.

O grau de liberdade de um ente vivo é um conceito que carece a identificação dos entidades que impõem limitações à liberdade desse ente as quais têm várias origens e características , são exemplos :

(a) Outros seres vivos que também têm conceitos de grau de liberdade e portanto também estabeleceram fronteiras aos seus domínios de liberdade.

(b) As fronteiras e limitações de liberdade são também impostas por entes não dotados de vida quer sejam artefactos humanos quer não . E.g. : grilhetas, portas, muros sebes , rios montanhas e até linhas imaginárias como paralelos e meridianos, etc. .

(c) As limitações que resultam da imposição de regras e verdades nas quais o ente acredita e que podem tomar a forma inibições involuntárias e até compulsivas. Deste modo certos actos não são praticados pelo ente não porque este não os possa ou saiba realizar mas porque iriam ferir certas regras que ele assumiu e sacralizou.

(d) O medo de represálias que o ente afectado ou prejudicado pode tomar a fim de a fazer respeitar o seu grau de liberdade .

(e) Nos agregados em que uma chefia, «latus sensus», se arroga o direito e o dever de resolver conflitos entre membros evitando que estes sejam o resultado de contendas onde o vencedor é considerado quem tinha razão . Com este objectivo o chefe dominante decide os conflitos .

Em agregados numerosos as chefias criam três sistemas ou órgãos distintos com funções distintas :

- um gerador de regras e leis que devem ser respeitadas por todos os membros.
- um atendedor de conflitos para interpretar e aplicar a lei ao conflito em julgamento e proferir a sentença e finalmente um sistema para verificar se a sentença foi executada ou a impor a sua aplicação compulsivamente .

(d) Migrar para outro agregado onde o ambiente lhe seja mais adequado. As migrações têm muitas justificações mas a busca de um maior grau de liberdade é o fundamento das migrações.

(e) Criar um novo agregado com uma rede de leis que sejam menos constrangedoras para entes com um certo tipo de convicções e hábitos .

Em resumo, o grau de liberdade que um individuo *sente* depende do acto que quer praticar, do eventual lesado, do ambiente legal do meio onde se vai praticar esse acto, do ente que vai ser prejudicado e por ultimo do conceito de grau de liberdade do autor do acto.

## §2.2 Aculturação

Podem descrever-se o processo de *aculturação* como um modo de ajustar os membros dum agregado de modo a aceitarem um certo número de regras e comportamentos como justos e razoáveis e em geral compatíveis com o sistema legal em vigor .

A aculturação faz-se ao longo da vida dum individuo mas na juventude é mais intensa e profunda .

A aculturação é um modo de uniformizar os entes individuais e assim conferir uma razoável homogeneidade ao agregado cultural de que são membros.

Assim é corrente dizer-se é um militar, um padre, um doutor , carpinteiro, camponês , etc. presumindo que a aculturação recebida foi tão forte que uniformizou o modo de pensar e o comportamento do aculturado.

### 2.2:1 Da velocidade e aceleração da aculturação

Mas, tudo evolui e o modo de conviver num agregado sofre alterações que impõem novos tipos de aculturação .



Num agregado convivem membros que sofreram aculturações diferentes o que provoca um estado de tensão entre os que querem ver continuada a aculturação antiga e os que a querem renovada de modo a facilitar a convivência no meio que também evolui com o decorrer do tempo .

As tensões e os conflitos decorrentes são proporcionais à *velocidade* da inovação e o sofrimento está em correspondência com a *aceleração* da inovação.

As catástrofes sociais são a consequência da implementações de inovações a altas velocidades e acelerações.

Estas transformações rápidas resultam de recuperar tempo perdido no passado com a conservação de modelos de aculturação desactualizados .

Esta sucessão de fenómenos repete-se com maior ou menor gravidade porque é muito difícil evoluir à velocidade da inovação que não é constante-

O resultado é uma sucessões de períodos de actividade intercalados com períodos de repousos ou dormência . Parece a uma outra escala um processo mais próxima do modo de proceder dos seres vivos que se ajustaram aos movimentos dos astros e da Terra em particular.

### 2.2:2 *Da homogeneidade dos agregados .*

Os membros dum agregado são diferentes e distinguíveis embora sejam mais ou menos próximas as respectivas características e aculturações .

Daqui resulta que a imposição duma mesma aculturação a todos os membros do agregado e conservado invariante um vasto conjunto de regras e comportamentos pode ter criado um agregado relativamente homogéneo .

A homogeneidade de um agregado pode não entrar em conflito com as regras e praticas do meio onde está incluído e então é possível a convivência pacífica do agregado .

Assim um *agregado* pode conter vários *agregados* com culturas diferentes típicas que podem ou não ser compatíveis ou toleráveis com as do *agregado* .

Para aligeirar a exposição são introduzidos os seguintes definições e símbolos :

Gx agregado onde, x, é o seu símbolo próprio .

\*Gx agregado de acolhimento.

Ty *tipo* de agregado, onde, y, é o seu símbolo próprio.

Porque agregados tipo Ty podem existir em mais do que um \*Gx, podem ser formados arquipélagos de agregados do tipo Ty com insulas espalhados por vários agregados de acolhimento , [\*Gx, com x em [j...k] .

São exemplos os agregados religiosos, emigrantes, raças, nacionalidades etc..

Os conflitos são reduzidos se os não autóctones aprenderem e praticarem os comportamentos do agregado que os acolheu .

Uma solução para um agregado Ga do tipo Ty tornar mais fácil a vivência no agregado de acolhimento Gb do tipo Tz é habitarem locais próprios e relativamente isolados e aí comportarem-se como do tipo Ty embora mantenham relações de vizinhança e comportamentos compatíveis com os praticados no agregado Gb de acolhimento .

Outra solução típica é o agregado Ga do tipo Ty dispersar-se pelo agregado de acolhimento e por aculturação rápida aproximar-se do do tipo Tz do agregado de acolhimento, Gb e assim fundirem-se num só agregado.

Os agregados Tyx são homogéneos e constituem um conjunto vasto de agregados homogéneos embora o qualquer dos grandes agregados, Gx, não sejam agregados homogéneos .

### 2.2:3 *Conflitos de Aculturação*

entre indivíduos mas sim entre multidões com culturas afastadas

É corrente que haja uma *sub- cultura* dominante que prevalece sobre as restantes.

Pode também acontecer que *grandes agregados* contêm todos um *sub – agregado* de uma determinada cultura que se for dominante torna possível uma convivência pacífica ou guerrear constante.